

A DOR DA PRÁTICA DO *GHOSTING* EM *OBSCENO ABANDONO*, DE MARILENE FELINTO

Maria Rita Fernandes Freire¹
Rafael Francisco Braz²

RESUMO

A palavra *ghosting* deriva-se da terminologia do vocábulo inglês *ghost* que, traduzido para o português, significa “fantasma”. Contudo, apesar da figura fantasmagórica ter como particularidade aparições mesmo após a sua morte, o *ghosting* se caracteriza com uma completa ausência ainda em vida, um verdadeiro sumiço numa relação interpessoal sem deixar nenhuma justificativa mínima. Partindo desta concepção, este trabalho tem por objetivo investigação a temática do *ghosting* que se faz presente na obra *Obsceno Abandono* (2002), escrito por Marilene Felinto. Sob esta ótica, este trabalho se fundamenta na filosofia das relações amorosas líquidas ancorada no pensamento de Bauman (2004) e no que se refere à temática da fragilidade do *ghosting* pontuado por Silva e Barbosa (2016), Collins (2015) Silva (2022) e no que tange ao mito amor romântico Geruza (2010) e Nogueira (2020), dentre outros. Do ponto de vista metodológico, este estudo se classifica como uma pesquisa qualitativa de caráter bibliográfico-descritivo (Lakatos; Marconi, 2003). A análise mostra que o abandono psicológico sofrido pela personagem a influencia a praticar o *ghosting*. Constatamos que a falta de controle na vida do amante, a perda do contato estável e dos sentimentos atrelados ao abandono psíquico, juntamente com uma valorização na autoimagem da protagonista, foram os principais responsáveis pelo súbito abandono. Essa afirmação reforça a facilidade com que o *ghosting* pode ser praticado na pós-modernidade, tendo em vista que as relações se encontram cada vez mais presentes nas mídias digitais, na qual a perda de contato pode interferir, agravar ou resultar ao término de relações interpessoais afetivas.

Palavras-chave: *Ghosting*, sentimentos, abandono psicológico, Obsceno Abandono, Marilene Felinto.

INTRODUÇÃO

O amor não é uma simples emoção, e sim um sistema motivacional integrado, que tem por objetivos a construção e a manutenção de uma relação íntima com determinado parceiro. Uma definição científica, mas não muito romântica, dirá que o amor é uma propriedade resultante de uma mistura antiga de neuropeptídeos e neurotransmissores, em outras palavras, de substâncias naturais produzidas no cérebro que atuam e modificam o seu funcionamento. (Pinto, 2017, p.43)

Diante dessa definição do amor proposta por Pinto (2017), depreendemos que o amor possui uma complexidade psíquica que não se reduz apenas ao campo emocional, como também atingindo ao plano neurocerebral do indivíduo. Dessa forma, é resultado de uma

¹ Graduanda do Curso de Letras Português da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, rita.fernandes@estudante.ufcg.edu.br

² Doutor em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, rafael.francisco@professor.ufcg.edu.br

mistura de substâncias produzidas pelo corpo que trabalham no sistema nervoso central e proporcionam respostas em forma de sentimentos amorosos.

Neste aspecto, ainda que o avanço das mídias digitais tenha proporcionado uma consequente melhora na comunicação social, esse avanço também é palco de novos conflitos frutos dos amores líquidos, termo inventado pelo sociólogo polonês Zygmunt Bauman (2003), ao descrever as fragilidades das relações sociais no período da pós-modernidade, aumentando a incidência de práticas como o *ghosting* na modernidade.

Destarte, neste artigo, tematizamos uma investigação acerca da temática do *ghosting* que se faz presente na obra *Obsceno Abandono* (2002), escrito por Marilene Felinto. Ademais, na obra que será analisada, levantaremos alguns apontamentos sobre como as relações afetivas líquidas, abordadas por Bauman (2001), podem influenciar de maneira significativa o aumento da incidência do *ghosting* na sociedade pós-moderna.

Para atingir ao objetivo pré-estabelecido, tomamos como metodologia de cunho qualitativo a pesquisa bibliográfica, que de acordo com Paiva (2019, p.59) “[...] é um tipo secundário porque utiliza estudos já publicados em livros e artigos acadêmicos, revisando obras publicadas sobre a teoria que irá direcionar o trabalho científico. Mas ela vai além da mera busca de informações e não é uma simples compilação dos resultados dessas buscas”.

O livro *Obsceno Abandono* narra um relato pessoal sobre os sentimentos de uma mulher, não intitulada, que acredita ter sido abandonada pelo seu amante Charles. A obra, aborda um misto de emoções sofridas pelo narrador, tendo como predomínio raiva, arrependimento, melancolia e impotência diante de uma perspectiva de ter que viver sem o mesmo, procurando diferentes artifícios para superar o término.

Marilene Felinto é uma escritora brasileira e pernambucana, autora de vários romances mundialmente conhecidos e que já foram traduzidos para outros idiomas como o livro *As mulheres de Tijucoapapo* (2021). Ganhadora de vários prêmios de literatura, inclusive o prêmio *Jabuti*, em 1983, como Autora Revelação, no qual, em 2001 foi indicada como finalista ao mesmo prêmio pelo seu livro *Jornalisticamente incorreto*.

Sendo assim, justificamos a pesquisa pela ausência de investigações que envolvem o tema *ghosting* abordado, bem como a escassez dos estudos que retratam as obras literárias da autora supracitada, tendo em vista a importância da explanação dessa problemática atual e pouco comentada, do fenômeno *ghosting* atrelado a uma obra que esbanja riqueza literária, narrativa e psicossocial.

Para este estudo, lançamos mãos dos pressupostos teóricos postulados por Sousa (2022), Silva e Barbosa (2016), LeFebvre & Fan (2020), Freedman (2022), LeFebvre (2017),

Wiele e Campbell (2019) e Pancani (2021) para a abordagem sobre o *ghosting* e, no tocante, aos fundamentos sobre as relações amorosas frágeis, utilizamos Zygmunt Bauman (2004).

Além dessa seção introdutória, este artigo está dividido em três unidades retóricas, as quais obedecem à seguinte ordem: inicialmente, ocorre a abordagem o fenômeno *ghosting* e suas inferências, mencionando os diferentes tipos de abandono abrupto que esse evento permeia. Ainda nesta unidade, apresentamos brevemente sobre o amor no contexto pós-moderno e a liquidez das relações interpessoais amorosas.

Na seção seguinte, considera-se o *corpus* de análise para discussão e apontamentos, a partir de excertos retirados do livro *corpus desta investigação*, tecendo observações sobre como o *ghosting* foi encontrado no universo de Felinto (2002). Por último, apresentamos algumas considerações acerca da análise neste estudo realizado e as referências usadas nesta investigação.

A PRÁTICA DO GHOSTING NA SOCIEDADE PÓS-MODERNIDADE

A palavra *ghosting*, deriva-se da terminologia do vocábulo inglês *ghost* que, traduzido ao português, significa “fantasma”. Contudo, apesar da figura fantasmagórica ter como particularidade aparições mesmo após a sua morte, o *ghosting* se caracteriza com uma completa ausência ainda em vida, um verdadeiro sumiço em uma relação interpessoal sem deixar nenhuma justificativa mínima.

O termo *ghosting* foi introduzido ao dicionário britânico Collins (2015) e referido como sendo uma das palavras do ano de 2015 (Silva; Barbosa, 2016). Mesmo que a prática em si não seja nova, tendo em vista que findar um relacionamento de maneira súbita já foi temática palco de inúmeras obras e ensaios literários, o surgimento de novas mídias digitais vem agravando essas questões, considerando sua particularidade de contatos voláteis, por não necessitar de contato físico algum.

Como *ghosting* se caracteriza pelo abandono e interrupção total de um relacionamento interpessoal, sem nenhuma justificativa e/ou explicação para o outro. Assim, muitos passaram a acreditar que isso ocorre apenas com relacionamentos amorosos, outros acreditam que para ser *ghosting* precisa, de fato, ser repentino. Contudo, Sousa (2022, p. 7) aponta que:

Em geral, o processo do *ghosting* pode acontecer de repente, gradualmente ou de ambas as formas. O *ghosting* não significa apenas o ato de, por exemplo, o indivíduo desaparecer da vida de alguém sem explicações, mas também pode ser considerado como a forma de evitar e ignorar o outro nas redes sociais, ou pessoalmente, não

responder, interromper a comunicação, parar de falar (e.g., parar de responder às mensagens de texto, chamadas), entre outros.

Neste sentido, mesmo que a prática do abandono não seja interpretada como nova, ainda se constitui como dolosa e bastante lesiva, ainda mais se acometida sobre as circunstâncias do *ghosting*, no qual não é dada a pessoa que sofreu com o mesmo, o direito de réplica ou um simples esclarecimento do por que ela não foi “boa” o suficiente para tal relacionamento.

A esse respeito, LeFebvre & Fan, (2020, p. 4) define que “[...] evitar, desaparecer, separar, sair ou parar [...]”, são as palavras mais utilizadas quando ocorre as menções dos sinônimos do *ghosting*. Utilizando esses sinônimos, podemos compreender como ocorre o término atrelado ao *ghosting*, levando em conta as inúmeras estratégias para se por o fim efetivo no relacionamento, tem-se que:

O *ghosting*, por ser uma das formas de evitar contato com o parceiro é, portanto, considerada como uma estratégia indireta de comunicação, sendo identificadas 4 estratégias indiretas de desvinculação, a saber: i) as de curto prazo; ii) as que acontecem de forma súbita e/ou inesperada; iii) as de longo-prazo; e iv) as que acontecem de modo gradual (Sousa, 2022, p. 19).

Desse modo, as estratégias indiretas mais comuns aplicadas pelos *ghosters*, termo que nomeia os indivíduos que praticam o *ghosting*, são as que acontecem de forma súbita e/ou inesperadas, facilmente confundidas com as estratégias de curto prazo, sendo que nestas ainda se faz possível alguma comunicação, ainda que o término tenha sido de maneira rápida, diferente da primeira que o *ghoster* não abre chance alguma de um possível contato.

Para tanto, criou-se uma dualidade tanto quanto interessante acerca dos malefícios do *ghosting*, pois enquanto muitos enxergam essa prática como desumana, outras acreditam que facilite a concretização do término de relacionamentos, não sendo encarado como egoísmo. Ademais, não se restringe apenas as relações afetivo-amorosas, pois “inclui também relações de amizade, sexuais, de trabalho ou até mesmo se o relacionamento for questionavelmente inexistente” (Sousa, 2022, p. 21).

Logo, no âmbito da amizade, por exemplo, quando as relações ficam abaladas e ocorre uma mudança no padrão comunicativo, temos o prenúncio do fenômeno *ghosting*. Dessa maneira, diante de todas as tentativas falhas de estabelecer comunicação com seu “amigo”, os *ghostees*, aqueles que sofreram a prática, ficam confusos e inseguros, por não entenderem, em uma primeira instância, que foram abandonados.

Nesse sentido, estudos recentes vêm cada vez mais comprovando a direta ligação que o aumento do *ghosting* tem com o avanço tecnológico e o surgimento de novas mídias comunicativas. Segundo Freedman (2022), em cerca de 33% dos términos nessa década, ocorreram através de encontros online atreladas as práticas de *ghosting*.

Sabe-se que o *ghosting* está a decorrer online quando o indivíduo que pratica este comportamento não responde a quaisquer mensagens de texto, chamadas ou mensagens nas redes sociais (como por exemplo, Tinder, Facebook, Snapchat, Instagram, Twitter, *WhatsApp*, entre outros), desaparece, bloqueia ou ignora, sendo que todo o contacto existente entre as vítimas e os praticantes deste comportamento termina e se torna inexistente (Sousa, 2022, p. 17).

À vista disso, é simples deprender que quanto mais fácil a forma de se comunicar com outras pessoas, mais fácil deixá-las á margem de qualquer tipo de contato pessoal. Todavia, será esse o único fator responsável para o aumento das incidências de *ghosting*? Não! Para o sociólogo polonês Zygmunt Bauman (2004, p.12), “[...] as conexões são estabelecidas e cortadas por escolha.”

Nas próximas linhas, apresentaremos brevemente os conceitos que englobam os chamados amores líquidos, conforme o arcabouço teórico de Zygmunt Bauman (2004), no seu livro intitulado *Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*, correlacionando assim, a incidência do *ghosting* na sociedade com o crescente aumento da fragilidade humana presente na mesma.

DO AMOR LÍQUIDO AO *GHOSTING* PÓS-MODERNO

Amor líquido é um amor “até segundo aviso”, o amor a partir do padrão dos bens de consumo: mantenha-os enquanto eles te trouxerem satisfação e os substitua por outros que prometem ainda mais satisfação. O amor com um espectro de eliminação imediata e, assim, também de ansiedade permanente, pairando acima dele (Bauman, 2010, s/p.)³.

A partir desse conceito dos amores líquidos, proposto por Zygmunt Bauman (2010) em uma entrevista para revista IstoÉ, percebemos como o sociólogo enfatiza a descartabilidade típica desse tipo de amor, enxergando o outro como um objeto que pode ser facilmente descartável assim que provada sua inutilidade obsoleta dentro do relacionamento afetivo, fomentando uma busca incansável por “alguém melhor”.

³ BAUMAN, Z. **Vivemos em tempos líquidos. Nada é para durar**: entrevista. São Paulo: *Revista ISTOÉ*, 2010. Entrevista concedida a Adriana Prado. Acesso em : http://www.istoe.com.br/assuntos/entrevista/detalhe/102755_VIVEMOS+TEMPOS+LIQUIDOS+NADA+E+PARA+DURAR

Sob esse viés, é possível estabelecer as características de todos os relacionamentos amorosos líquidos, sendo construídos a partir das mudanças, tendo em vista a modernidade na qual vivemos, possuindo uma característica “líquida”, definida por Bauman (2010) como:

Líquidos mudam de forma muito rapidamente, sob a menor pressão. Na verdade, são incapazes de manter a mesma forma por muito tempo. No atual estágio “líquido” da modernidade, os líquidos são deliberadamente impedidos de se solidificarem. A temperatura elevada — ou seja, o impulso de transgredir, de substituir, de acelerar a circulação de mercadorias rentáveis — não dá ao fluxo uma oportunidade de abrandar, nem o tempo necessário para condensar e solidificar-se em formas estáveis, com uma maior expectativa de vida (Bauman, 2010, s/p.)⁴.

Por esse ângulo, uma compreensão do conceito da liquidez das relações foi elucidada pelo polonês, entendendo as mesmas como voláteis, flexíveis, irresistentes e fracas, considerando seu constante processo de permuta, ficando inviável a mínima possibilidade de qualquer resistência e firmamento de um relacionamento afetivo na modernidade líquida, pois “se ‘os compromissos são irrelevantes’, [...] as pessoas se inclinam a substituir as parcerias pelas redes” (Bauman, 2004, p. 13).

Nessa perspectiva, entendemos o amor líquido como o subproduto de uma nova sociedade, a qual Bauman (2004) retrata no seu livro “Amor Líquido” como produtora de “[...] enormes quantidades de lixo humano” (Bauman, 2004, p. 150). Essa liquidez das relações se justifica pelo aumento do imediatismo advindo das novas tecnologias, aumentando a rapidez que as relações começam e se dissolvem, fazendo com que o ser humano se acomode cada vez mais a superficialidade das relações interpessoais. Entretanto, infelizmente

enquanto a produção de lixo humano prossegue inabalável (se é que não está aumentando em função dos processos de globalização), a indústria de tratamento do lixo passa por duras dificuldades. [...] Pilhas de lixo humano crescem ao longo das linhas defeituosas da desordem mundial, e se multiplicam os primeiros sinais de uma tendência à autocombustão, assim como os sintomas de uma explosão iminente (Bauman, 2004, p. 151).

Sob esse viés, o sociólogo polonês, faz uma representação da sociedade como um depósito contínuo de lixo, na qual esses entulhos são representados pelos seres humanos. Assim, na contemporaneidade, com a presença constante de lixo humano, sinais iniciais de uma entropia global podem ser percebidos, assim como uma maior proliferação desses indivíduos.

⁴ BAUMAN, Z. **Vivemos em tempos líquidos. Nada é para durar**: entrevista. São Paulo: *Revista ISTOÉ*, 2010. Entrevista concedida a Adriana Prado. Acesso em : http://www.istoe.com.br/assuntos/entrevista/detalhe/102755_VIVEMOS+TEMPOS+LIQUIDOS+NADA+E+PARA+DURAR

Neste sentido, os *ghosters* podem ser facilmente associados como integrantes dessas “pilhas de lixo humano”, levando em conta que tratam relacionamentos de uma maneira cada vez mais superficial, resolvendo abandonar seu parceiro diante de alguma problemática evidente. Sob essa conjectura, Zygmunt Bauman (2004, p. 12), descreve essas relações como “[...] feitas sob medida para o líquido cenário da vida moderna, em que se espera e se deseja que as ‘possibilidades românticas’ (e não apenas românticas) surjam e desapareçam numa velocidade crescente e em volume cada vez maior”.

Acerca disso, como a manutenção de um relacionamento saudável afetivo demanda tempo, maturidade e esforço, nem todos nesse novo século líquido são capazes de atender a esses requisitos, aumentando cada vez mais a incidência da prática do *ghosting*, tendo em vista que “diferentemente dos ‘relacionamentos reais’, é fácil entrar e sair dos ‘relacionamentos virtuais’” (Bauman, 2004, p. 13)

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O *ghosting* se caracteriza como uma prática, vista por muitos como um ato intencional e egoísta, entre duas pessoas que nutriram algum tipo de relação interpessoal e foi inesperadamente cessado por uma das partes. Assim, Sousa (2022), Silva e Barbosa (2016), entre outros estudiosos supracitados, estudaram a prática do *ghosting* e tentaram entender como ocorre o seu funcionamento. De acordo com LeFebvr e Fan (2017):

o *ghosting* é um fenômeno, um comportamento ou uma prática de término relacional de base tecnológica que os iniciadores ou os praticantes recorrem ao evitamento da comunicação direta para terminarem os seus relacionamentos, retirando assim qualquer possibilidade de interação e acesso a outros que a tecnologia nos proporciona (Fan, 2017; Lefebvr, 2017; *apud* Sousa, 2022, p. 18) .

Esta pesquisa busca analisar como ocorre o desenvolvimento da execução do *ghosting* presente na obra *Obsceno Abandono* (2002), da escritora brasileira Marilene Felinto. Levou-se em consideração a forma de como a personagem principal encara o abandono, e todas as consequências que o mesmo a proporciona para que a mesma, no desfecho da narrativa, pratique o *ghosting* com o seu amante.

O livro *Obsceno Abandono* narra à história da vida amorosa de uma personagem que, é descrita, ao decorrer do romance, como uma pessoa extremamente vazia, sem nenhuma característica física mencionada, nem nomeação, dando ênfase ao seu desamparo emocional, após o seu abandono psicológico sofrido pelo seu amante.

No início, percebe-se um sujeito melancólico, triste e arrependido, conforme se observa no trecho, a seguir: “Depois deste abandono, sei que tem dias que acordo com cara de louca. [...] Volto ao varal, em prantos, hoje é sábado de noite, marco, para me localizar. A cabeça embotada, os sentimentos em frangalhos, fujo, organiza uma lembrança que me tire do momento de dor e silêncio” (Felinto, 2002, p. 13).

Notamos que é evidente como a personagem acredita que de fato foi abandonada, sentindo todos os sentimentos comuns de uma pessoa que passa por uma situação de negligência emocional, sentindo-se sozinha, triste e com certo grau de loucura. Percebemos, também, a fuga constante da realidade por ela está emersa no sofrimento, tendo que demarcar os dias da semana, “[...] hoje é sábado de noite, marco, para me localizar” (Felinto, 2002, p. 13).

Neste sentido, Sousa (2022, p. 32) aponta que “a ação de rejeição é considerada um dos aspetos mais inesperados e um dos sentimentos mais difíceis de serem aceites a nível pessoal e emocional nos indivíduos, sobretudo, no início dos relacionamentos”. Esses sentimentos são expressos pela personagem conforme demonstra o trecho a seguir:

Uma pessoa não pode enfiar a língua profundamente no sexo da outra um dia (inaugurando gostos, despertando sensações, provocando arrepios de pura vida) e desaparecer depois! Uma pessoa não pode hospedar assim toda sua língua no sensível aconchego do sexo da outra e depois deixar ali aquele vazio de lembranças úmidas e quentes. (Felinto, 2002, p. 31).

A esse respeito, Wiele e Campbell (2019) definem que “[...] sentimentos de muita mágoa, ciúme, vergonha, culpa, constrangimento e pensamentos ou críticas autodestrutivas, entre outros” são bastante comuns pelas pessoas que passam pelos sintomas de abandono amoroso. Podemos observar a seguir, reflexos desses sentimentos quando o sujeito se autocritica, se rebaixando tanto quanto mulher, como pessoa: “Eu queria ser mais monstruosas dessas mulheres grandes e monstruosas. Eu queria não depender de ninguém. Mas não – sou toda mediana, toda feia e mediana. Meus amores não têm base de sustentação, são como prédios de alicerces malfeitos – com o tempo, acabam ruindo por inteiro” (Felinto, 2002, p. 14).

Observamos que é evidente a negatividade da autoimagem que permeia os pensamentos da personagem, ao ponto da mesma acreditar, por muitas vezes, merecer o abandono ao mencionar que: “meu único caminho teria sido aceitar a marca de nascença, ficar sozinha, viver só” (Felinto, 2002, p. 29).

Para tanto, no final do primeiro capítulo, encontramos de fato a concretização do suposto abandono de Charles, na menção a uma carta que a personagem recebeu do mesmo, alegando que não a queria mais. Contudo, no decorrer do segundo capítulo, intitulado como *Obsceno*, percebemos que todo o abandono que ela acreditava ter sofrido, ocorreu fruto da não escolha de Charles em ter apenas ela como mulher. Esse fato que fica evidente durante a conversa dos dois:

- [...] Já me disse que não vai se separar dela. Só me quer como uma espécie de lucro supérfluo e dispensável na sua contabilidade amorosa
- Ele tentou ponderar:
- Depende do teu jeito de entender (ou *querer* entender) cada tempo da vida que vai vivendo. Cada hora é olhar e sentir o lado bom do que está acontecendo. “Não, eu sinto de um jeito só e ruim. É assim que eu sou e não vou mudar.” Então tá! Perde você, perco eu. O quê? Tudo de bom que existe entre nós e que, parece, você insiste em querer que acabe. Vive chutando, agredindo. Como querendo chegar ao final mais triste (Felinto, 2002, p. 60-61).

Logo, podemos perceber que não há nenhum indício que Charles deseja abandoná-la, o contrário, na verdade, ocorre no restante da obra, ele deseja que as coisas entre eles se resolvam. Desse modo, inferimos que todo o abandono sofrido pela personagem advém da falta de correspondência adequada que ela acha que merece receber. Não importando, assim, todo o amor que Charles tenha a oferecer, ela acredita estar sendo abandonada por não ser amada como deveria e, outro fator aliado, a vários episódios de desentendimento na comunicação do casal.

Ao pensarem e refletirem sobre quais os principais motivos pelos quais os iniciadores possam ter terminado as relações, os *ghostees* referiram que antes das mesmas terminarem eram lhes dados alguns sinais de que a dinâmica relacional pudesse ter alterado, sobretudo no que confere à comunicação online como a ausência ou diminuição da frequência de interações (e.g., mensagens de texto, chamadas) e a reciprocidade inadequada no investimento da relação (Pancani et al., 2021 *apud* Sousa, 2022, p. 27).

Nesse contexto, esses acontecimentos que comprometeram a plena instabilidade do relacionamento amoroso de Charles com a protagonista, foram um fator imprescindível para a decisão final da mesma, que optou por um maior amor próprio e valorização do seu próprio tempo e sentimento, como demonstrado nos trechos abaixo:

- Durante muito tempo eu me deixei, para prejuízo inteiramente meu, viver esse papel de idiota, aceitando as condições ridículas que você impõe, as culpas absurdas que você joga nas minhas costas. Não vivo mais. Paciência tem limite. Fica aí no seu mar de razão, vai viver a vida que você escolheu (Felinto, 2002, p. 69-70).

- Tripudiar da minha cara e da minha dor é que você não vai, nunca mais (Felinto, 2002, p. 75).

Neste sentido, diante de todo o desgaste emocional e psicológico sofrido pela personagem, ela decide por de vez o fim não só no relacionamento, como no contato entre os dois, praticando assim o *ghosting* e, conseqüentemente, se tornando um *ghoster*.

Partindo desse aspecto, para Freedman (2022) “os *ghosters* explicam que a prática deste comportamento se devia ao aumento das suas necessidades de controle sobre o outro, ao aumento da sua autoestima, sentimento de pertença e sentido de vida” (Freedman et al., 2022 *apud* SOUSA, 2022, p.24). Fica claro, assim, a correlação feita entre a melhora da autoimagem da protagonista, em conjunto com o não respeito de Charles a sua tentativa de tê-lo só para ela, e o acontecimento do *ghosting* na obra.

Os seguintes excertos demonstram, de maneira bastante satisfatória, de como a prática ocorre no romance:

Faz dias que decretei uma espécie de morte a mim mesma, dez dias sem atender telefone - cobri com um pano, como quem cobre um defunto, o aparelho da secretária eletrônica. Desliguei o som. Tudo para não ver piscar a luz que indicava os recados. Dez dias sem ouvir o telefone tocar. Dez dias na mais funesta constatação de que não me procurariam.

Mas Charles me procurou. O telefone tocou. A máquina atendeu:

- ...Você ligou para mim no número...

-- Vai continuar agindo desse jeito – Charles disse, do outro lado da linha. Do meio do seu egocentrismo, Charles telefonou.

- ... 92... No momento, não posso atender...

- Atende logo essa droga, que eu sei que você está aí...

-...Deixe o seu recado após o sinal...

- Quer dizer que você vai continuar me tratando desse jeito... Atende!

- ..ou mande um fax...

- ... Alô! Alô!

- Você quer parar com isso!

- bip-bip-bip-bip...

- a máquina desligou.

Tempo esgotado. A vida é cruel (Felinto, 2002, p. 76-77).

É impossível não perceber a tamanha irritação e impaciência de Charles ao notar como não estão sendo correspondida em suas investidas de contactar sua amante, sentimentos típicos de *ghostees* que passam pelo mesmo abandono. Dessa forma, para Sousa (2022, p. 27), “este comportamento por parte das vítimas pode levar ao aumento dos níveis de angústia, o que por sua vez faz com que o ciclo relacionamento se torne mais difícil de ser aceite ou encerrado”.

Essa dificuldade de aceitação retratada por Sousa (2022) também acomete Charles, que tenta, no final da obra, repetitivas e insistentes vezes falarem com sua *ghoster*:

Mais tarde, outro telefonema. Do meio de seu cinismo de bígamo, ele tornou a ligar:

-Aqui é o número 6548-...

-...

- Não posso atender no momento...

-...

-...Deixe o seu recado...

-...

-Alô! Alô!

[...]

(Desliguei a máquina, apaguei da fita as gravações.

Não quero vestígios dele na minha vida. Melhor que não haja registros nossos - cartas, bilhetes, presentes -, melhor apagar, para sempre.) (FELINTO, 2022, p.78-79)

Nesse plano, se faz necessário destacar as repetidas aparições do sinal gráfico das reticências (...), que são marcas linguísticas que indicam a falta de diálogo, o silêncio presente na interação entre os envolvidos na conversação. Temos, assim, um claro exemplo da manifestação do *ghosting*, ou como LeFebvre (2017) costuma exemplificar em forma de onomatopeia, temos um “*Poof*” da protagonista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observamos nesse artigo científico a temática do *ghosting* que se faz presente na obra *Obsceno Abandono* (2002), da escritora pernambucana Marilene Felinto. Para tal, iniciamos nossa análise entendendo o que é o *ghosting* e quais seriam suas características principais, assim como a influência das mídias para o surgimento de amores líquidos, tomando como base os pressupostos teóricos de Sousa (2022), Silva e Barbosa (2016), Zygmunt Bauman (2004), LeFebvre & Fan (2020), Freedman (2022), LeFebvr (2017), Wiele e Campbell (2019) e Pancani (2021).

Logo, para essa constatação apontou também que a falta de controle na vida do amante, a perda de um contato estável e os sentimentos atrelados ao abandono psíquico do mesmo, juntamente com uma valorização na autoimagem da protagonista, foram os principais responsáveis pelo súbito abandono acometido pela mesma.

Essa afirmação reforça a facilidade com que o *ghosting* pode ser praticado na pós-modernidade, tendo em vista que as relações se encontram cada vez mais presentes nas mídias digitais, na qual a perda de contato pode interferir, agravar ou, como no exemplo supracitado, resultar no término de relações interpessoais afetivas.

A partir dessas constatações, afirmamos a necessidade de estudos que contemplem a temática *ghosting*, tendo em vista a escassez da abordagem dessa problemática que merece ser

explanada, levando em conta todas as suas consequências para os indivíduos sociais acometidos pela mesma. Esperamos que esta proposta possa contribuir para indagações existentes, assim como servir de fundamentação e provocação para outros pesquisadores.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Z. **Vivemos em tempos líquidos. Nada é para durar**: entrevista. São Paulo: *Revista ISTOÉ*, 2010. Entrevista concedida a Adriana Prado. Acesso em : http://www.istoe.com.br/assuntos/entrevista/detalhe/102755_VIVEMOS+TEMPOS+LIQUIDOS+NA+DA+E+PARA+DURAR

BAUMAN, Zygmunt. **Amor Líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

FELINTO, Marilene. **Obsceno abandono**, amor e perda. Rio de Janeiro: Record, 2022.

KOESSLER, R., KOHUT, T., & CAMPBELL, L. (2019a). **When Your Boo Becomes a Ghost**: The Association Between Breakup Strategy and Breakup Role in Experiences of Relationship Dissolution. *Collabra Psychology*, 5(1). <https://doi.org/10.1525/collabra.230>

LEFEBVRE, L.E., & FAN, X. (2020a). **Ghosted?!**: Navigating strategies for reducing uncertainty and implications surrounding ambiguous loss. *Personal Relationships*, 27(2), 433-459. <https://doi.org/10.1111/per.123222>

LEFEBVRE, L. (2017). **Phantom Lovers**: Ghosting as a Relationship Dissolution Strategy in the Technological Age. In N. Punyanunt-Carter, & J. Wrench (Eds.). *Swipe right for love: The impact of social media in modern romantic relationships* (pp. 219-236). <https://www.researchgate.net/publication/317576909>

PANCANI, L., MAZZONI, D., AURELI, N., & RIVA, P. (2021). **Ghosting and orbiting**: Na abalysis of victims' experiences. *Journal of Social and Personal Relationships*, 38(7), 1987-2007. <https://doi.org/10.1177/02654075211000417>

PINTO, Fernando Gomes. *O Instituto de amar*. In.: **Neurociência do Amor**. São Paulo: Planeta, 2017, 31-41;

POWELL, D.N., FREEDMAN, G., LE, B., & WILLIAMS, K.D. (2022). **Exploring individuals' descriptive and injunctive norms of ghosting**. *Cyberpsychology: Journal of Psychosocial Research on Cyberspace*, 16(3). <https://doi.org/10.5817/CP2022-3-11>

SOUSA, Ana Beatriz. **Ghosting**: Uma discussão a partir das experiências de jovens e adultos/as portuguesas/a. Porto, 2022. [DM_37117.pdf \(ufp.pt\)](#)

SILVA, F.V., & BARBOSA, M.S.M.F. (2016). **Até que o ghosting os separe**: a produção de subjetividade em discursos sobre o amor virtual. *Calidoscópio*, 14(2), 265- 275. <https://doi.org/10.4013/cld.2016.142.09>